

CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS COMENTADORES DAS OBRAS DE FRIEDRICH RATZEL E PAUL VIDAL DE LA BLACHE

Eduardo Zons Guidi*

Thomas KUHN afirma que a ciência progride tanto por uma tradição intelectual - a vigência de um paradigma - que seriam os momentos de ciência normal onde o progresso se faz por acumulação, como também por rupturas profundas - revoluções - onde haveria uma mudança nos compromissos e na visão de mundo. Para KUHN (1990) a ciência normal poderia ser comparada à resolução de quebra-cabeças, onde os cientistas teriam de antemão a idéia da imagem a ser construída tratando-se de juntar as peças para compô-la.

Entretanto, vez por outra, os cientistas deparam-se com “anomalias” que são problemas não solucionáveis pelo paradigma imperante. Dependendo da profundidade e extensão da anomalia, algum cientista pode encarar tal fato como a impossibilidade do paradigma, em solucionar os problemas concretos levantados pela pesquisa científica. Neste caso, ou o cientista coloca o problema de lado acreditando que tal não é relevante e volta à tradição e aos compromissos de seu grupo, ou então abandona o paradigma, mergulhando à fundo na busca de um novo.

Neste trabalho partimos do seguinte questionamento: em que medida a interpretação Kuhniana sobre a evolução da ciência, através das mudanças de paradigma, pode servir para uma análise do desenvolvimento das ciências humanas e em particular da história do pensamento geográfico?

Podemos constatar que os geógrafos, há mais de três décadas, vêm utilizando o conceito de paradigma para caracterizar determinados períodos desta ciência.

“Unas veces se aplicaba esta expresión a la obra ejemplar de un geógrafo influyente (como Ratzel, Vidal de La Blache, Hettner e Davis, por ejemplo). Otras, a teorías como la de los lugares centrales de Christaller. Más frecuentemente, a concepciones Geográficas generales tales como el ambientalismo, la tendencia ‘regional’, el análisis espacial, etc., ... o a marcos filosóficos dentro de los cuales podría haberse realizado el trabajo de los geógrafos, como el ‘paradigma marxista’ por ejemplo” (CAPEL, 1983: 10).

Tanto CAPEL (1983) quanto JOHNSTON (1986) assinalaram que a noção de paradigma tem sido utilizado pelos geógrafos de duas maneiras distintas. Durante o período conhecido como “Geografia Teorética” foi utilizada de forma normativa para afirmação do caráter revolucionário das técnicas quantitativas de análise espacial.

Mas tarde, durante o período de renovação geográfica conhecido como “Geografia Crítica”, tal noção passou a ser utilizada de forma descrita na interpretação de vários períodos de evolução de pensamento geográfico, como foi assinalado por CAPEL na citação anterior.

Em ambos os casos, tem nos parecido que o uso desta teoria foi feito de forma descuidada e pouco crítica. Esta constatação parte da premissa de que a aplicação de uma teoria como esta, que suscitou um dos debates mais intensos entre filósofos e

* Prof. MsC. Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, Santa Catarina, Brasil.

historiadores da ciência resultando em uma grande quantidade de colóquios, simpósios, livros, revistas, comunicações, textos, disputas, etc., deveria estar apoiada na farta bibliografia que ela originou. Entretanto, quando analisamos os textos dos geógrafos que contemplam a perspectiva Kuhniana, seja de forma normativa ou descritiva, tanto à favor ou contra esta teoria, verificamos citado somente o livro “A Estrutura das Revoluções Científicas” que a nosso ver é livro básico, mas não suficiente para entendermos a teoria de KUHN em toda a sua complexidade.

Como afirma JOHNSTON:

*“Em geral, o uso das idéias kuhnianas tem sido feito com pouca consideração quanto aos debates que elas têm estimulado em toda a comunidade acadêmica anglo-americana. Muitos geógrafos baseiam-se na primeira edição, de 1962, da obra *The Structure of Scientific Revolutions*; eles parecem não estar conscientes quer do fato de que o uso indefinido do termo ‘paradigma’ em seu livro tornou-se suscetível a uma ampla variedade de interpretações incompatíveis (SUPPE, 1977a: 137), que de que os pontos de vista de KUHN têm sofrido uma diminuição aguda de sua influência sobre a filosofia da ciência contemporânea (SUPPE, 1977a: 647). O próprio KUHN (1977) reexaminou substancialmente suas idéias” (JOHNSTON, 1986: 282).*

Os geógrafos deveriam, sem sombra de dúvida, ter prestado mais atenção ao fluxo e refluxo das críticas à KUHN, mais atenção também às defesas e argumentações dele e de seus partidários.

Não obstante, os geógrafos, no afã de teorização a que vinha sendo submetida a Geografia, partiram para uma simplificação da teoria, o que de certo modo sugere um certo grau de inclinação ao falseamento da teoria devido à carência de crítica. Dizendo de outro modo, procuravam adequar a teoria às suas necessidades. De nosso ponto de vista, o caminho inverso parece o mais correto: verificar a possibilidade da história da Geografia se adequar a esta teoria.

A história do pensamento geográfico, bem como da própria ciência geográfica, sofreu e continua sofrendo nas mãos das dualidades. Nada mais dicotômico do que as interpretações feitas pelos historiadores e comentadores das obras geográficas, sobretudo no que tange as análises interpretativas de Friedrich Ratzel e Paul Vidal de La Blache. Pode-se notar, nestas análises, mesclas que variam entre Racionalismo Científico, nacionalismo exacerbado e envolvimento sentimental. É evidente que tais fatores constituam regra geral nas análises da história da ciência como um todo não significando, no entanto, que tais análises partam de concepções paradigmáticas diferentes.

Muitos historiadores das ciências acreditam que a análise de determinados períodos da história das ciências sofram alterações significativas já que o momento paradigmático em que encontra-se o historiador não é o mesmo momento em que encontrava-se um historiador precedente. Entretanto, para Thomas Kuhn, tais argumentos são insustentáveis pois as análises de determinados períodos da ciência devem ser efetuados, sempre, com os olhos “*do passado*” e não com os do presente. Isto é, o cientista objeto deve ser encarado em relação ao grupo científico de sua época; aqueles que compartilhavam um mesmo paradigma.

Desta forma, toda as tentativas de análises, por nós efetuadas, com base nos comentaristas de Ratzel e Vidal, não permitiram constatar que eles compartilhavam uma mesma visão de mundo o que, no entanto, não descarta tal possibilidade. Uma hipótese

sugerida, e que nos parece verdadeira, é de que tanto Ratzel como Vidal mantiveram-se fiéis seguidores da linha fundada por Karl Ritter; e que em nosso pensar seria um paradigma. Portanto, Ratzel e Vidal mantiveram-se fiéis a visão de mundo do velho mestre alemão o que, de modo algum, os impediu de alçarem vôos por outras correntes e métodos que permitiram um maior desenvolvimento da ciência geográfica. Estebanéz (1983: 35), a nosso ver de forma feliz, define paradigma como o desenvolvimento de uma obra compartilhada, que foi exatamente o que Ratzel e Vidal fizeram: compartilharam a ERDKUNDE de Ritter construindo assim uma continuação do discurso geográfico. A força que a Geografia possuía na virada do século não era proveniente apenas da sua utilidade mas, principalmente, da sua sólida constituição paradigmática.

As divergências, assinaladas pelos comentadores, entre a geografia de Ratzel e Vidal estavam ligadas as condições de suas atividades profissionais e que derivavam, por sua vez, do quadro imposto pelas formações sociais a qual estavam inseridos.

Não obstante, o mais complicado, a nosso ver, são as tentativas de enquadramento deles às correntes positivistas e historicistas respectivamente como desejam muitos. O que parecia um consenso acaba se tornando objeto de grandes divergências. CLAVAL (1974), por exemplo, chega a afirmar que existia um distanciamento entre as concepções metodológicas e as práticas de pesquisa destes dois geógrafos; o que de certo modo nos parece verdadeiro. Ainda segundo Claval, este distanciamento entre os conceitos metodológicos e a prática de pesquisa estava ligado a questão da manutenção de seus trabalhos dentro dos ditames do círculo científico dos geógrafos da época. Mesmo assim não parece haver um grande fosso entre a obra ratzeliana e a vidalina. Nada que apresente as características de uma ruptura epistemológica, mudança de paradigma ou revolução científica.

As confusões efetuadas pelos comentadores, querendo atribuir diferenças paradigmáticas entre Ratzel e Vidal, são compreensíveis. Ritter desenvolveu sua obra sobre bases do Romantismo Alemão que possuía características espiritualistas e historicistas. Em determinadas passagens Ratzel parece compartilhar de uma postura materialista que contraria o espiritualismo ritteriano. Mesmo que Ratzel realmente cultivasse o materialismo, como base filosófica, não significaria, de modo algum, uma ruptura epistemológica frente a Ritter e ao Romantismo Alemão. A ruptura epistemológica, ou nos termos de KUHN, a mudança de paradigma, não significa apenas uma questão de comportamento filosófico, mas sim de um grande número de fatores entrelaçados que pode até comportar uma mudança de tal natureza. Não é falso afirmar que Ratzel se distancia de Ritter filosoficamente o que, no entanto, não significa dizer que Ratzel abandonava o velho mestre para enveredar por caminhos totalmente distintos.

Por que se assim fosse dificilmente haveria tradição científica em qualquer área do conhecimento. Como costuma ressaltar KUHN, o mais importante para o desenvolvimento das ciências não são os períodos de “Revoluções Científicas” - ao contrário do que muitos pensam à respeito - mas sim os períodos de normalidade onde a tradição permite um desenvolvimento regular e constante da mesma forma como ocorreu na geografia da virada do século XIX para o século XX.

“Homens cuja pesquisa está baseada em paradigmas compartilhados estão comprometidos com as mesmas regras e padrões para a prática científica. Esse comprometimento e o consenso aparente que produz são pré-requisitos para a ciência normal, isto é, para a gênese e a

continuação de uma tradição de pesquisa determinada” (KUHN, 1990: 30).

Bibliografia

- BLACHE, Paul Vidal de La. Princípios de Geografia Humana. 2.ed. Lisboa, Cosmos, 1952.
- CAPEL, Horácio. Filosofia y Ciência en la Geografía Contemporanea. Barcelona, Barcanova, 1983.
- CLAVAL, Paul. Evolucion de la Geografía Humana. Barcelona, Oikos-Tau, 1974.
- JOHNSTON, R.J. Geografía e Geógrafos. São Paulo, Difel, 1986.
- KUHN, Thomas S. “A Função do Dogma na Investigação Científica”. In: LAKATOS, Inre & MUSGRAVE, Alan (Org.). A Crítica e o Desenvolvimento do Conhecimento. São Paulo, Cultrix, 1979.
- _____. La Tension Esencial. México D.F., Fondo de Cultura Económica, 1987.
- _____. A Estrutura das Revoluções Científicas. 3.ed. São Paulo, Perspectiva, 1990.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. (Org.). RATZEL. Coleção Grandes Cientistas Sociais, nº 46. São Paulo, Ática, 1990.